

“Corazón que lleva rota
“el ancla fiel del hogar,
“va como barca perdida,
“que no sabe a dónde va.”

En cuanto llega a esta angustia
rompe el muerto a maldecir:
le amanso el cráneo: lo acuesto:
acuesto el muerto a dormir.

En el bote iba remando
por el lago seductor,
con el sol que era ora puro
y en el alma más de un sol.

Y a mis pies vi de repente,
ofendido del hedor,
un pez muerto, un pez hediondo
en el bote remador.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos VIII (final) y XII
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Para Florbela Espanca, Dona Morte
nunca foi uma sombra desprezada.
Ligava-a, de tal modo, à própria sorte,
que a poetisa chamou-a “a iluminada”.

Num certo dia, de tensão mais forte,
sabendo que, na vida, “tudo é nada”,
ela gemeu, num trêmulo transporte:
“Terra, quero dormir, dá-me pousada!”

Mas, Florbela, também, amou a vida.
E sonhou... E, incompreendida,
envelheceu em plena mocidade.

Parece até que escuto a pobrezainha:
“Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!”
“É tão triste morrer na minha idade!”

Vasco de Castro Lima, Alma Incompreendida; em
Fanal 9503

Sem traços de pranto, enxuta,
no adeus, a face desmente
o quanto o meu peito luta,
para conter a vertente.

Darly O. Barros, em
Fanal 0103

São amargas as vitórias
que deste mundo nos vêm,
se as luzes de nossas glórias
jogam sombra sobre alguém!

Domitila Borges Beltrame, em
Fanal 0407

Senhor! À luz benfazeja
da manhã, que principia,
dai-me fé, para que eu seja
melhor, neste novo dia.

Eno Teodoro Wanke, em
Fanal 9503

Sentir da vida a magia
é o bem poder repartir,
levando a alguém alegria,
sem recompensa exigir!

Maria Antonieta B. Dutra, em
O Pitiguari 0402

Defender a ecologia,
da Amazônia ao Pantanal,
além de soberania,
é urgência nacional!...

Pedro Grilo, em
O Pitiguari 0402

Para se vencer na vida,
muita coisa a gente agüenta;
na subida e na descida,
mesmo depois dos 70!

Walter Rossi, em
Fanal 9504

Tem muito mais graça a vida,
quando a gente tem com quem
repartir bem repartida
a graça que a vida tem!

A. A. de Assis, em
O Pitiguari 0402

Semana da Pátria
de pé trocado desfilam
a banda e o guri.

Alberto Murata
Douglas Eden Brotto

Folhagem molhada.
Espirram chilreios e pingos
amor de primavera.

Edson Kenji Iura

Reflexo do céu
em alvos flocos de espuma
rio de primavera.

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

Novelo de lâ
diversão do gatinho
a vovó sorri.

José N. Reis

Já amanhece.
Na mata, em penumbra,
explosão de trinados.

Lituka Simizo

Na névoa densa,
barcos pesqueiros chegando...
Festejam gaiivotas.

Naoto Matsuchita

Trêmula bandeirinha
na janela do barraco
Semana da Pátria.

Sonia Mori

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) PRIMAVERA		
Sentado repouso, à sombra de um salgueiro... Amigo violão... Agostinho José de Souza	Curioso alegre o romper do dia azul com cantar sonoro! Edel Costa	Fresta na janela sol e vento se encontram. Uma borboleta. Maria de Jesus B. de Mello
Bicando gravetos as andorinhas gorjeiam, montando seus ninhos. Ailson Cardoso de Oliveira	Um som magistral: orquestra de curiús em cima do muro! Ercy M. M. de Faria	No velho jardim, viceja a erva bem cuidada. Primeiros mióssotis. Maria Regina Labruciano
Sobre o jasmim branco uma mancha preta canta curiú pousado. Alba Christina	Viandei na alfombra nem deita, aninhada vespa disputando a sombra. Fernando L. A. Soares	Jatobá imenso! dando sombra protetora. Escola de sítio. Nadyr Leme Ganzert
No céu da metrópole a lua enevoada recorta os prédios. Amari do Amaral Campos	Estranho amarelo foi salpicado no verde... sibipiruna. Fernando Vasconcelos	O jardim me encanta as açucenas se abrindo borboleta azul. Olga Amorim
Um bico comprido vai penetrando nas flores. Belo colibri. Angélica V. R. Santos	Tua enevoada. Céu totalmente fechado. A luz, escondida. Haroldo R. Castro	Nas águas paradas girinos se movimentam em busca do sol. Olga dos Santos Bussade
Menino sangrando, amigo cão, ao seu lado. Potrilho a correr. Analice Feitoza de Lima	Suave perfume. Açucena florida em meio ao jardim. Helvécio Durso	Sob alto salgueiro dedilhando uma viola, o viandante canta. Olíria Alvarenga
Mãos sujas de terra a criança planta a muda, no Dia da Árvore. Anita Thomaz Follmann	Asas invisíveis sobre flores coloridas – colibri mirim! Humberto Del Maestro	Direto do pé, crianças colhem amoras. Doce enfrutescência. Renata Paccola
Trabalho duro, joão-de-barro e a joaninha. Casinha pronta. Cecy Tupinambá Ulhôa	Feliz tico-tico irrequieto saltita nos galhos do ipê. João Batista Serra	Jardim refflorido. Inesperada visita. – Uma borboleta. Roberto Resende Vilela
as flores rasgam a névoa, rosto exposto ao sol... Darly O. Barros	no Dia da Secretária. Cartão roga aumento. Leonilda Hilgenberg Justus	O ninho de vespas na cunheira do paiol. Guri novamente. Sérgio F. Pichorim
Acorda o peão, é Dia do Fazendeiro! Todos ao trabalho! Djalda Winter Santos	As vespas atacam o menino em plena rua. Dança de São Guido. Manoel F. Menendez	Em vãos ligeiros o colibri equilibra-se sobre a flor sumosa. Walma da Costa Barros

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS

Remeter até 30.09.04, quigos à escolha:
Dama-da-noite, El Niño, Véspera de Natal.

Remeter até 30.10.04, quigos à escolha:
Ano Novo, Begônia, Lesma.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu *único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais adjuvimos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *sã treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfinemendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afirm de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria luva, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL * – TREVOS PERSONAGEM *

Dia da Amazônia! °
Deveremos festeja-lo.
Sem os canibais...
Agostinho José de Souza

Sem ter calendário *
sibipiruna floresce
em frente ao portão.
Alba Christina

Parece magia °
o canto do curiú
florindo a poesia.
Ailson Cardoso de Oliveira

Estanho perfume! °
Velhas lembranças guardadas.
Açucena em flor.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Ninguém bate à porta °
da casa do joão-de-barro...
Marido ciumento!
Ercy M. M. de Faria

Cata-vento gira *
e infância linda evocando
o velhinho admira.
Fernando L. A. Soares

Os clarins tocando
no Dia da Independência
alertam patriotas.
Maria App. Picanço Goulart

Velhinho dançando
no Dia da Independência
ao som do desfile.
Renata Paccola

Marcham militares
no Dia da Independência.
Garbo e patriotismo.
Djalda Winter Santos

Os clarins tocando
no Dia da Independência
alertam patriotas.
Maria App. Picanço Goulart

De cada janela ouve-se
chirrido nas árvores;
silêncio da roça.
Maria App. Picanço Goulart

Bandeiras agitam-se
no Dia da Independência
soldados desfilam.
Walma da Costa Barros

Velhinho dançando
no Dia da Independência
ao som do desfile.
Renata Paccola

Marcham militares
no Dia da Independência.
Garbo e patriotismo.
Djalda Winter Santos

Os clarins tocando
no Dia da Independência
alertam patriotas.
Maria App. Picanço Goulart

HAUCUS EM FOLHA		
Ao nascer do dia uma algazarra me acorda: chirrada nas árvores. Angélica V. R. Santos	Pássaros em bando, a noite já vem chegando: chirrada nas árvores. Djalda Winter Santos	As cores da pátria no Dia da Independência desfilam nas ruas... Darly O. Barros
Aberto o desfile No Dia da Independência, calçadas lotadas! Anita Thomaz Follmann	Chirrada nas árvores. Passarinhos festejando com frutos maduros. Analice Feitoza de Lima	Laços auri-verdes no Dia da Independência enfeitam lapelas. Darly O. Barros
Érica formosa enfeitada todo jardim. Festa para os olhos. Cecy Tupinambá Ulhôa	Nem folhas se veem no amontoado vermelho... – Érica florida! Humberto Del Maestro	Ao entardecer periquitos retomam chirrada na árvore. Larissa Lacerda Menendez
Bandeiras desfraldam. É Dia da Independência. Desfile nas ruas. Analice Feitoza de Lima	Um país em festa! No Dia da Independência, corações sorrindo. Humberto Del Maestro	A tarde caindo, passarada alvorçada. Chirrada na árvore. Manoel F. Menendez
As nuvens se tingem de um dourado que enternece. – Chirrada nas árvores! Humberto Del Maestro	Alegando o dia uma chirrada nas árvores. Bando de avezinhas. Anita Thomaz Follmann	Érica empinada as pontas dos ramos verdes todas roseadas. Manoel F. Menendez
De cada janela ouve-se chirrido nas árvores; silêncio da roça. Maria App. Picanço Goulart	No topo do morro uma érica desmonta. Sua sombra cresce. Amari Amaral Campos	Chirrada nas árvores. Início da primavera. Tudo renasce. Cecy Tupinambá Ulhôa
Bandeiras agitam-se no Dia da Independência soldados desfilam. Walma da Costa Barros	Homem comemora o Dia da Independência dormindo no parque. Renata Paccola	Pequenas campânulas emitem os sons de seda das ternas ericas. Amália Marie Gerda
Velhinho dançando no Dia da Independência ao som do desfile. Renata Paccola	À verde ramada balança em fresca manhã festiva chirrada. Fernando L. A. Soares	Na longa jornada ericas ornam caminhos. O homem segue alheio. Walma da Costa Barros
Marcham militares no Dia da Independência. Garbo e patriotismo. Djalda Winter Santos	Pelo chão afora o vento arrastando folhas. Érica queimada. Analice Feitoza de Lima	Chirrada nas árvores, com harmonia, abençoa o dia que nasce. Amália Marie Gerda
Os clarins tocando no Dia da Independência alertam patriotas. Maria App. Picanço Goulart	Desfile na praça. Dia da Independência. Viva o Brasil! Cecy Tupinambá Ulhôa	Com cadência e garbo, no Dia da Independência, paz, amor e marchas... Amália Marie Gerda

Paz e muito amor! ° É Dia da Juventude... A vida renasce... Amália Marie G. Bornheim	Araucária altiva, ° pinheiro-do-paraná, feito enorme taça. Analice Feitoza de Lima	Visto-me de roxo ° caixas para guardar homens jacarandá em flor. Carlos Roque Barbosa de Jesus
Nos campos dourados ° tu mitigas minha sede bela flor gomosa. Domingos Durante	Dia da Amazônia! ° É manchete no jornal em todo o país! Edel Costa	Dia da Amazônia ° um livro de folhas verdes, quero desfolhar. Elen de Novais Felix
Araucária bela! ° na altura, no firmamento. Pinheiros famosos! Haroldo R. Castro	Na grande feira ° a presença de linda frésia. Doce perfume. Helvécio Durso	Flor de goiabeira... ° O tempo a transformará em goiaba em calda!... Hermoclydes S. Franco
O Dia da Árvore ° lembrando a todos a infância saúde... saudade... Jorge Picanço Siqueira	Ó dia inesquecível! * Declarei meu amor por ela... ...Dia da Secretária. José Roberto de Oliveira	Caído no chão ° desanimado da vida resurgendo o chorão. Lávia Lacerda Menendez
Um terço do mundo ° de ar nem o terço reage... Dia da Ama' (zôn) (i) a. Marcelino Rodrigues de Pontes	O velho salgueiro ° já não murmura canções à beira do rio. Maria de Jesus B. de Mello	Vagens penduradas... ° – E a sibipiruna lembra O Feijão e o Sonho... Maria Madalena Ferreira

A ave tico-tico, ° é um pássaro americano. Faz ninho no chão! Carmem Sülzer Brasil	A sibipiruna ° cobre de dourado a mata... Gigantesca avenca. Héron Patrício	Flor de laranjeira, ° sonhos de uma vida inteira encerram em ti. Leonardo Cezário dos Santos
Ninguém bate à porta ° da casa do joão-de-barro... Marido ciumento! Ercy M. M. de Faria	A forte araucária, ° protege as pequenas flores, entre as folhas duras. Maria Regina Labruciano	Flor de laranjeira, ° sonhos de uma vida inteira encerram em ti. Leonardo Cezário dos Santos

Estanho perfume! ° Velhas lembranças guardadas. Açucena em flor. Cecy Tupinambá Ulhôa	Não importa a flor, ° mas a doçura do néctar. – Ágil colibri. Humberto Del Maestro	Prazer em dobro * a braçada de açucenas. Presente da neta... Darly O. Barros
Ninguém bate à porta ° da casa do joão-de-barro... Marido ciumento! Ercy M. M. de Faria	Num canto, isolada, ° açucena observa a vida... – menina em rubores. Leonilda Hilgenberg Justus	Há canto na brisa... ° é Dia da Juventude. Bataque no mundo! Fernando Vasconcelos
Os clarins tocando no Dia da Independência alertam patriotas. Maria App. Picanço Goulart	Flor buganvília, ° com suas cores, é também a primavera. Nadyr Leme Ganzert	Chorão, tuas lágrimas ° engossam o caudal dos rios e galgam o mar... Djalda Winter Santos
Marcham militares no Dia da Independência. Garbo e patriotismo. Djalda Winter Santos	Flor buganvília, ° com suas cores, é também a primavera. Nadyr Leme Ganzert	O canto da araponga ° marta na bigorna do meu interior. João Elias dos Santos
Os clarins tocando no Dia da Independência alertam patriotas. Maria App. Picanço Goulart	Flor buganvília, ° com suas cores, é também a primavera. Nadyr Leme Ganzert	Some da paisagem ° ecoando com seu tombo uma araucária... M. U. Moncam
Os clarins tocando no Dia da Independência alertam patriotas. Maria App. Picanço Goulart	Flor buganvília, ° com suas cores, é também a primavera. Nadyr Leme Ganzert	Perfeito equilíbrio: ° para sustentar o céu, Deus plantou araucárias. Neide Rocha Portugal

Sete de setembro. ◦
Morte? Independência ou sorte?
Um bem-te-vi canta.
Nilton Manoel Teixeira

Passei, bem te vi ◦
tão sorridente com outra...
Lua fora de curso.
Olga Amorim

Sonho de menino... ◦
O vento carrega a pipa
pra beijar as nuvens!
Olga dos Santos Bussade

Beleza! Perigo?... ◦
Em meio a fios elétricos
sobe, ativa, a pipa!...
Olíria Alvarenga

O mar se agita *
dedinhos aparam ondas
castelo desfeito.
Patricia Maia Patricio

Com uma pulseira *
o empresário presenteia
seu braço direito.
Renata Paccola

Hoje e todo o dia ◦
será "Dia da Amazônia",
o pulmão do mundo!
Santos Teodósio

U M H O M E M D E V E R D A D E

William I. Smith, em Ellery Queen-Mistério Magazine, tradução Alberto Maduar e Cláudio Carina, Vol. 1 (Nova Fase), nº 1, 1976

– Ei, xerife – disse Henry Boughton, empurrando as moedas na mesa, na minha direção. – Tome mais um gole.

Agradei com um aceno de cabeça enquanto Boughton dava meia volta e saía pela porta-vaivém. Um minuto depois, ouvi seu cavalo galopando, rumo à poeirenta estrada de Boughton Ranch.

– Onde está o seu amor-próprio? – Rosa veio me acusando de trás do balcão. – Você deu para beber com qualquer um ultimamente.

– Sempre bebi. – Usei cuidadosamente as duas mãos para encher o copo de uísque.

– *Si*, mas isto é diferente! – Irritada, Rosa jogou as moedas de Boughton para fora da mesa. – Antes era como você queria, agora é como eles querem. E beber justo com o homem que tomou seu lugar de xerife!

– Rosa mexeu a boca como se fosse cuspir no chão onde caíra o dinheiro de Boughton. Mas não cuspiu. Na verdade, depois, quando pensou que eu não estava olhando, ela pegou o dinheiro de Boughton, moeda por moeda.

– Boughton me substituiu – respondi – quando eu já não podia desempenhar meu trabalho. É legitimamente. – Ergui as mãos, agora tão curtidas pela idade que eu mal podia abri-las. – Um xerife que nem consegue segurar um revólver? – Dei de ombros.

– Você nunca foi muito de usar arma – disse Rosa.

– Não, mas sempre mantive a opção de usar uma. Depois eu perdi essa opção.

Rosa bufou. – Por trinta anos você foi o xerife deste lugar. Você deu tudo o que podia, e agora eles não lhe dão nada.

– Eles só me deram um drinque.

Rosa me olhou fixamente, concluindo que eu a estava gozando, e mudou de assunto. – Você sabe que Ted Hardie está na cidade – disse ela.

– Sei.

– Sabe por quê?

– Para matar alguém, imagino. Ele vive disso.

– E isso não lhe diz mais respeito?

– E isso não me diz mais respeito.

– Sabe quem ele pretende matar? – Rosa sentou-se na minha frente, do outro lado da mesa.

– Ele ainda não se apresentou para me contar.

– Oh, sim, *si*, você tem um grande respeito por Mr. Ted Hardie, não é? – Rosa fez uma cara de quem tem um grande respeito.

– Respeito a habilidade dele – disse eu. – E nunca o enfrentei porque ele era mais rápido no gatilho.

Aquilo embatucou Rosa. Depois de pensar um momento, ela abordou o assunto por outro caminho. – Mas você deu um jeito nele – disse ela.

– Sim, dei um jeito nele.

– Bem, tenho novidades para você. O seu nobre Mr. Henry Boughton contratou Hardie para matar o professor. E você sabe por quê?

– Não, mas estou quase descobrindo.

– Bah! – Rosa estava gastando todos os resmungos de uma semana naquela manhã. – Pois bem, você vai descobrir por que, embora eu nem saiba porque lhe conto isso. O que eu sei é que isso é uma coisa que um homem de verdade tinha que impedir.

– Por que Boughton mandou Ted Hardie vir aqui matar o professor? – perguntei.

– Você conhece Lupe Vargas? – continuou Rosa.

– Não.

– Ela é uma boa mulher. Ela e o professor se querem bem. Planejam casar-se.

– E Lupe Vargas é a mulher que Boughton tem na cidade – disse eu ao ver que Rosa não ia adiante. – E Boughton não gosta que os outros tirem o que lhe pertence. Então Boughton manda

Ted Hardie procurar o professor para mata-lo.

– Então você sabe quem é Lupe Vargas – disse Rosa.

– Sei quem é Lupe. Mas nunca tinha ouvido o nome Vargas.

– Lupe é uma boa mulher – disse Rosa.

Para Rosa uma boa mulher é aquela que vai à missa, procura não ofender os outros sem necessidade, e faz tudo o que deve para preservar-se. Não é uma definição muito má.

– Vou subir um pouco. – Rosa ergueu-se. – Só digo uma coisa: não está certo isso de Boughton planejar a morte de alguém por um motivo desses. Só digo que um homem de verdade acharia um meio de acabar com isso.

“Subir” significava ir para a sala de estar onde Rosa tinha seus quadros de santos e coisas assim. Era uma sala onde eu nunca havia entrado. Vi-a fechar a porta e pensei que deixaria de existir o problema se o professor tivesse mais juízo.

Ted Hardie nunca mata ninguém sem fazer que ele puxe a arma antes. Por isso é que ele nunca me matou. Mas o professor é um tolo. Ele gasta tanto tempo quanto Rosa pensando no que um homem de verdade deve fazer. Ele puxaria o revólver antes e Hardie o mataria.

Na manhã seguinte, saí de casa. Ainda posso andar. Mas detesto quando as pessoas me vêem arrastando os pés pela rua. Eu tremia tanto quando voltei que Rosa teve que me servir meu primeiro gole.

– E então? – perguntou ela, depois que bebi.

– Espere e veja – disse eu.



Três dias depois, Ted Hardie deixou a cidade sem matar ninguém

– E então? – perguntou-me Rosa outra vez naquela tarde.

– Então o quê? – Enchi o copo de novo.

– O que você fez para obrigar Ted Hardie a ir embora?

– Nada.

– Hã? – Rosa arregalou os olhos. – Aonde você foi a outra manhã?

– Conversar com o professor.

– Conversar sobre o quê?

– Sugeri que ele pagasse a Ted Hardie 500 dólares para matar Boughton caso – mas só nesse caso – Hardie matasse o professor primeiro...

Rosa pensou um momento e deu um risinho. – E se o professor continuasse vivo, Hardie ficaria com os quinhentos dólares da mesma forma?

– Isso foi o combinado.

– E Boughton fica sabendo dessa combinação e resolve cancelar a sua, como você diria, combinação *breve*.

– Combinação *prévia* – corriji. – E Hardie, sem dúvida, fica também com o pagamento de Boughton para matar o professor, porque ele só deixou de cumprir a sua parte no trato porque Boughton cancelou a ordem.

– Ah, é?! – Rosa deu uma cabeça para trás e riu até ficar com lágrimas nos olhos.

– Mas, espere. – Ela parou de repente e enxugou os olhos. – Onde é que o professor foi arrastar quinhentos dólares? Isso é um bocado de dinheiro.

– Ele é um cara muito econômico.

– Mas quinhentos dólares! Tudo isso de economias?

– Trezentos dólares – só isso. Eu entrei com os outros duzentos.

– Mas...

– Dinheiro seu, Rosa. Você não devia se importar – disse eu. Terminei meu drinque, recostei-me no espaldar da cadeira e cruzei as mãos sobre a mesa. – Afinal, isso é o mínimo que uma mulher de verdade teria de fazer.

A P E N A D E F O R R E S T G U M P

Marco Antonio Spinelli, Seleção de Saramonalisa, gentileza de Lígia Scholze Borges Tomarchio – <http://planeta.terra.com.br/arte/ligiotomarchio>

– Vó?

– Oi?

– Ontem eu vi de novo aquele filme que você gosta.

– Qual, minha querida?

(como se não houvesse muitos filmes que a Vovó amava).

– Aquele daquele homem que é meio bobo e fica contando histórias no ponto de ônibus...

– Ah, sei. Forrest Gump...

– Isso.

– E você gostou do filme?

– Gostei, mas não entendi uma coisa...

– O que?

– Quando começa o filme, tem uma pena voando, que voa, voa, e cai no colo do Forrest Gump. Ele guarda *ela* no livro e começa a contar a história para um monte de gente.

– Exato.

– Então, no final, ele abre o livro e ela sai voando outra vez. Para que serve essa pena, heim, Vovó?

– Bem, Pituquinha, ele explica isso no final. Talvez você não tenha percebido.

– Acho que não.

– Forrest Gump não é uma pessoa igual às outras: ele tem uma inteligência limitrofe. Não fale que ele é meio bobo que isso é muito feio. Ele tem uma inteligência de uma criança de cinco anos, por isso tem dificuldade de entender as

coisas como as outras pessoas. É um homem grande com a cabeça de uma criança, não é meio bobo ou retardado, *tá* bom?

– *Tá*.

– Você quer saber por que a pena começa o filme voando até pousar no colo do Forrest Gump, e depois sai voando de novo, não é?

– Isso.

– Então..., no final do filme, ele conta que na sua vida houve duas pessoas que o influenciaram muito: uma foi a sua mãe, o outro, seu amigo que ele conheceu na guerra do

Vietnã, que é o tenente Dan. A mãe ensinou para ele que ter uma deficiência não é desculpa para desistir da vida. Ela se recusou a coloca-lo em uma escola para deficientes, e sempre empurrou o filho para frente, sempre ensinou-o a não se conformar com as suas próprias limitações. Forrest foi para a escola, estudou, teve um problema na coluna que o obrigou a usar aquele aparelho horrível, você se lembra?

– Lembro sim.

– Tem uma cena que a Vovó gosta demais nesse filme, que é aquela em que os meninos valentões correm atrás dele numa caminhonete. Eles querem zoar com ele e até machuca-lo, e a sua amiguinha grita para o

menino: *corra, Forrest, corra!* E ele sai correndo, de aparelho e tudo, a caminhonete atrás dele, os meninos gritando..., à medida que ele corria, o aparelho vai caindo, pedaço por pedaço, e quanto mais ele se livrava do aparelho ortopédico, mais rápido ele conseguia correr, mais ele deslanchava, até entrar correndo em um campo gramado e sumir ao longe, deixando para trás os seus perseguidores...

– Vó?

– Oi?

–Você está chorando?

–Não, ..., não querida, é que a vovó esqueceu de pingar o colírio (falou isso enquanto enxugava furtivamente algumas lágrimas).

– Por que você gosta tanto dessa cena, Vovó?

– Porque vovó acha essa cena muito emocionante, muito alegórica.

– Alê o que? Riu-se gostosamente.

– Alegórica. Quer dizer que ela tem um significado maior do que está na tela.

– Qual o significado?

– Na vida, a gente fica tentando endireitar tudo, minha querida, e às vezes temos que passar muito, muito medo para podermos nos livrar de nossos aparelhos, de nossas muletas.

Forrest descobre que já está pronto, que pode correr como ninguém, como ninguém, e mais longe do que qualquer menino valentão e bobo que se acha grande coisa. Olhou para a neta, que a olhava fixamente.

– Desculpe, querida, acho que me empolguei um pouco.

– Vó?

– Oi?

– É para isso que temos medo?

– Acho que sim.

– Temos medo para tirar as muletas?

– E os aparelhos. E ir para frente.

– Legal. Vó?

– Fala.

– E a pena?

– É mesmo, já ia me esquecendo... então, eu falei que a mãe de Forrest Gump o ensinou a nunca sentar sobre seus problemas, a nunca se intimidar com as suas dificuldades. Ela ensinou para ele que, na vida, Deus dá uma série de cartas para a gente jogar o jogo, e temos que aproveitar as nossas cartas do melhor jeito possível.

– E a pena?

– Já vai, já vai... a outra pessoa importante na vida de Forrest Gump é seu amigo, tenente Dan. Juntos, eles foram para a guerra, tiveram um

pesqueiro, montaram uma empresa e ficaram muito ricos. E o tenente Dan ensinou que na vida, a gente é como uma peninha levada pelo vento, de um lado para outro, e nunca tem como descobrir para onde vai o sopro de Deus..., nunca a gente sabe que lado vai a pena.

Fez um silêncio grave.

– Como assim?

– Quando você crescer, vai perceber como nosso destino é caprichoso, meu bem. Um dia estamos aqui, outro dia estamos lá, como se tivesse um gozador assooprando a vida para lá e para cá, para lá e para cá.

Fez um movimento com a mão, simulando a pena indo e voltando.

A menina acompanhou o movimento com os olhos.

– Quer dizer que a gente não sabe para onde vai essa pena?

Trouxe-a para mais perto.

– A gente não sabe... mas sabe, quando a gente chega na idade que chegou a vovó aqui, podemos perceber os caminhos misteriosos que a pena toma no ar, até pousar, segura, no colo de Deus. Mas isso a gente só descobre depois de passar muito tempo tentando adivinhar: *qual a direção do vento? qual a umidade relativa do ar? qual o peso da pena? como o Caos vai comandar a direção que a pena vai tomar?*

Coçou a cabeça, em seu gesto característico.

– Vó?

– Oi?

– O que acontece quando a gente pára de tentar adivinhar para onde vai essa pena?

– A gente se deixa levar pelo vento, minha querida.

– Quer dizer que você dá razão para a mãe e para o amigo do Forrest?

Olhou com uma agradável sensação de surpresa.

– Isso mesmo! Como você é esperta! Eu dou, mesmo, razão para os dois. A gente joga da melhor forma que puder, com o máximo de empenho, mas também respeita as linhas do vento. Gostou?

– Gostei, gostei muito... sabe, Vó, é tão bom ter você... será que um dia esse vento vai te levar para longe de mim?

Estremeceu ligeiramente.

– Não, meu bem... por mais longe que vão nossas penas, nosso coração vai estar sempre perto um do outro, *tá* bom?

– *Tá* bom.

Ficaram num silêncio de fim de conversa.

– Eu vou brincar um pouco, *tá*?

– Isso, vai brincar de Forrest Gump.

– Vou correr até cansar.

– Isso. Vai mesmo.

Mal conseguiu disfarçar a voz embargada de lágrimas.